

Encontros potenciais: a pesquisa em Comunicação e as abordagens feministas e sobre as mulheres, de 2005–2014

Potentials meetings: Research in Communication and feminists and women's approaches, 2005–2014

Vera Sirlei Martins

Universidade Federal de Santa Maria. Av. Roraima, 1000, Cidade Universitária, Camobi, 97105-900, Santa Maria, RS, Brasil. vera.martins@ufsm.br

Resumo. Este trabalho estuda as pesquisas em Comunicação no Brasil e as abordagens feministas e sobre as mulheres nesse contexto de produção do conhecimento. Para isso, considera os artigos apresentados nos principais eventos científicos da Comunicação no Brasil, as dissertações e teses depositadas no Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES entre os anos de 2005 e 2014. A partir do aporte teórico das Epistemologias Feminista e da Comunicação, o objetivo geral do texto é mapear quais as preocupações centrais da pesquisa em Comunicação quando seus temas são articulados com aspectos do feminismo e sobre as mulheres. A perspectiva metodológica que orienta este estudo é a cartografia. A observação dos 75 trabalhos, cujos resumos foram analisados, revela um potencial de visibilidade das mulheres na Comunicação. Aspectos como a experiências dos sujeitos, da política e das representações apontam também as possibilidades da produção de conhecimentos para a transformação social dessas duas áreas.

Palavras-chaves: comunicação, feminismo, mulher, pesquisa, cartografia.

Abstract. This paper studies the communication research in Brazil and the feminist and women's approaches in this knowledge production context. For this, it considers the articles presented at major scientific events in Brazil, dissertations and theses deposited in the Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES between the years 2005 and 2014. From the theoretical framework of Feminist Epistemology and Communication, the general purpose of the paper is to map the objectives concerning the research in communication when its themes are articulated with aspects of feminism and women. The methodological perspective that guides this study is cartography. The observation of 75 papers, whose abstracts were analyzed, reveals a visibility potential of women in communication. Aspects such as the subjects' experiences, politics and representations also point to the possibilities of producing knowledge for social transformation of these two areas.

Keywords: communication, feminism, woman, research, cartography.

Convite para encontro

Ao longo da história da nossa sociedade as mulheres têm se organizado para, desde diversos lugares, tirar da invisibilidade suas experiências marcadas, de um lado, por uma

longa história de desigualdade, injustiça e violência, e de outros, por lutas e conquistas. Esta organização produziu intervenções na formação social e cultural da sociedade, produziu conhecimentos que provocaram mudanças em esferas como a política, a jurídica

e a médica. Estas intervenções e conhecimentos, juntos, impactaram sobre comportamentos, atitudes e modos de ver as relações entre mulheres e homens.

Um dos espaços onde estes conhecimentos foram produzidos e sistematizados é o espaço acadêmico. Nele as diversas áreas do conhecimento de alguma forma participaram deste relevante movimento social - o movimento feminista - cujas práticas receberam destaque reflexões de estudiosas e estudiosos (Maria da Glória Gohn, 2014; Celi Pinto, 2003; Alain Touraine, 2006). A partir de seus aportes teórico-metodológicos, as diferentes disciplinas consolidaram, com maior ou menor grau de comprometimento político-militante, estes movimentos de suspeita sobre a produção do conhecimento. A suspeita, aqui, compreendida como um operador analítico conforme proposto por Elisabeth Fiorenza (2009), que significa entender que a cultura patriarcal conforma as instituições e atua sobre as pessoas e, considerar que a linguagem que diz sobre o mundo é masculina e sua proclamação (o falar sobre) é feita por homens.

O campo da Comunicação¹ que também tem se articulado a este cenário e com seus saberes e práticas - profissionais e investigativas - tem produzido conhecimento sobre as mulheres como atrizes sociais. E quando as/os pesquisadoras/res da Comunicação acionam seus esforços para pensar questões que envolvem, dialogam, articulam ou são atravessadas pela realidade vivida pelas mulheres, quais são suas inquietações? Onde estão e como aparecem as mulheres neste processo? Tomando estas interrogações como ponto de partida, meu objetivo geral neste texto é mapear quais as preocupações centrais da pesquisa em Comunicação - nos últimos 10 anos - quando seus temas são articulados com aspectos do feminismo, e/ou sobre as mulheres e assim encontrá-las neste universo de pesquisa.

Este mapeamento está organizado em quatro partes. A primeira delas, "Como chegar", apresenta o percurso metodológico, situando a pesquisa dentro dos critérios feministas e as reflexões sobre cartografia que ampara todos os procedimentos. Em seguida a "Lista de convidad@s" expõe o marco teórico, de onde partem os conceitos que irão orientar a leitura e análise dos dados encontrados. A tercei-

ra parte - Sobre o que foi falado - é dedicada à apresentação dos dados coletados durante a pesquisa. Já a quarta e última parte do texto, "Escutando a conversa", analisa os dados apresentados no item anterior para responder aos objetivos do artigo.

Como chegar

Pensar as técnicas e procedimentos necessários para realizar os objetivos de uma pesquisa, especialmente na perspectiva feminista, implica reconhecer que nada é dado por antecipação, nada está fixado antes de começar, mas que a construção metodológica se faz como um processo e se efetiva no andamento da pesquisa. E, se explicitar o percurso metodológico é hoje reconhecido como um aspecto fundamental do fazer investigativo e da socialização da ciência, nas reflexões feministas esta etapa da produção do conhecimento se reveste também de importância política.

Para falar de metodologia, sirvo-me, então, do pensamento da pesquisadora mexicana Eli Bartra (2012) em seu texto *Acerca de la investigación feminista* (Sobre a pesquisa feminista), para situar este artigo dentro dos critérios de um percurso metodológico considerado feminista. E para elaborar os procedimentos deste estudo, elejo a flexibilidade teórico-metodológica da cartografia, na perspectiva apresentada por Suely Rolnik (1989) e Nísia Martins do Rosário (2008). A cartografia propõe a elaboração de mapas - nunca acabados, nunca definitivos - de compreensão do objeto pesquisado, compreendido como um território.

Eli Bartra afirma que há entre as pesquisadoras feministas um consenso sobre a existência de uma metodologia feminista, mesmo que haja dificuldade de identificar qual parte do processo de pesquisa dá conta desta abordagem. Considerando esta dificuldade, a cartografia apresenta uma potencialidade desta realização, pois nas palavras de Rosário (2008),

A cartografia precisa contar com a invenção já que ela impede o pesquisador inventar sua própria forma de fazer pesquisa; conduz à elaboração de um roteiro particular que contemple as especificidades do objeto; arrasta o investigador por diversas perspectivas do objeto: amplitudes, intensidades, extensões, tensões, fluxos e proporções (Rosário, 2008, p. 207).

¹ Os trabalhos depositados no Banco de Teses da CAPES, até 2002, que têm nos Estudos de Gênero sua motivação foram analisados no trabalho organizado pela Prof^a Dr^a Ana Carolina Escosteguy (2008).

Este contexto metodológico aberto à invenção pode acolher os argumentos de Bartra (2012), na sua afirmação de que há formas específicas de se aproximar da realidade social, que por seus interesses políticos, podem ser consideradas feministas. Em que consistem estas formas? A adoção de critérios e categorias específicos tais como: (i) patriarcado; (ii) opressão e/ou exploração das mulheres; (iii) trabalho doméstico invisível; (iv) modo de produção patriarcal; (v) discriminação sexual; (vi) sistema sexo/gênero; (vii) mulher e mulheres; (viii) gênero; (ix) relações entre os gêneros e (x) empoderamento, é uma dessas formas (Bartra, 2012).

Do mesmo modo a cartografia, que, se não tem regras ou modelos, não prescinde de elementos claros que devem ser considerados na sua invenção. Estes explicitam um lugar e um modo de fazer, e ainda situam a pesquisadora ou pesquisador como sujeitos sociais deste mesmo processo. Estes elementos, como apresentados por Suely Rolnik (1989), são: o critério, o princípio, a regra e o roteiro.

Rosário (2008), quando reflete sobre a proposta de Rolnik (1989), buscando uma leitura que construa possibilidades do uso da cartografia – e seus elementos - na Comunicação vai afirmar que “o critério é responsável por organizar as escolhas, as direções, porém precisa estar sempre aberto à recomposição; é construído a partir de marcadores lógicos sem excluir a afecção e a sensibilidade” (Rosário, 2008, p. 208).

Então, neste texto o critério se constitui como esse lugar que me permite deixar explícita o meu lugar de pesquisadora: sou mulher, branca, mãe, professora, militante feminista. É a partir desta condição que é social, econômica e política que faço escolhas e esforços teóricos para compreender e intervir na realidade social que me rodeia.

O outro elemento da cartografia, o princípio, relaciona-se com a expansão da vida (Rolnik, 1989) e “contém os preceitos que marcam a conduta do cartógrafo” (Rosário, 2008, p. 208) atuando como ordenador das noções que o regem. Neste estudo, este elemento está concretizado no compromisso político de pensar uma expansão da visão, do olhar sobre a pesquisa em Comunicação, para dar a

ver e valorizar a presença das mulheres. Este princípio dialoga com um dos pressupostos da pesquisa feminista que orienta a produção de conhecimento no sentido de contribuir para transformar a condição subalterna da mulher (Bartra, 2012). E que esta transformação deve ser perseguida na escolha dos objetos/problemas a serem investigados e nas três fases da pesquisa, a saber, a investigação, a sistematização e a exposição.

O terceiro elemento da cartografia é a regra, que se liga diretamente à sensibilidade do cartógrafo e “se constrói, então na conexão com o objeto, o pesquisador, o princípio e a proposta da investigação” (Rosário, 2008, p. 208). Para a pesquisa em tela o elemento que articula múltiplos aspectos da investigação, e pode efetivar-se como uma regra, é do marco teórico. Assim, a regra desta cartografia são as reflexões das Epistemologias Feministas e da Comunicação que irão amparar a busca por conceitos, a elaboração de categorias e as leituras possíveis dos dados coletados.

A regra oferece assim, mais um pilar para assestar esta prática investigativa como uma prática metodológica feminista. Nas palavras de Bartra,

[...] mas, na prática a metodologia feminista, é necessariamente não sexista (que não discrimina em virtude do sexo) e não androcêntrica (não é centrada nos homens). A metodologia feminista expressa, de maneira explícita a relação entre política e ciência (2012, p. 68, tradução livre).

E o último elemento da proposição de Rolnik (1989) é o roteiro, que dialoga diretamente com a problematização do objeto empírico para sua constituição como um objeto de pesquisa. Expresso este roteiro por meio dos objetivos específicos deste estudo, que estão assim elaborados: (i) levantar nos anais dos principais eventos científicos da Comunicação no Brasil² e no Banco de Teses e Dissertações da Capes – 2005/2014 - quais os trabalhos mencionaram a abordagem feminista ou sobre a mulher; (ii) identificar, nos resumos, qual o objetivo do artigo, dissertação ou tese; (iii) sintetizar estes objetivos em ideias centrais, para agrupá-las segundo regularidades ou contrastes.

² ABRAPCORP – Associação Brasileira de Pesquisadores de Comunicação Organizacional e Relações Públicas; COM-PÓS – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação; INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação; SBPJor – Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. Estes eventos foram selecionados por que aconteceram sem interrupção nos últimos 10 anos.

A cada objetivo específico corresponde a um procedimento (P), ou mapeamento, cuja leitura conjunta, permitirá responder ao objetivo do texto. Os procedimentos consistem em: (P1) uma busca, por palavras-chave, nos anais dos principais eventos científicos da Comunicação no Brasil e no Banco de Teses e Dissertações da Capes (2005-2014), usando como filtro as palavras feminismo, mulher, comunicação, práticas jornalísticas e processos midiáticos, associadas entre si. Os resumos selecionados neste procedimento irão compor o *corpus* deste estudo. Considerando que estes eventos reúnem os principais nomes da pesquisa em Comunicação no país, e o Banco de Teses e Dissertações da Capes guardam a produção dos Programas de Pós-Graduação (PPG), parto do entendimento que os trabalhos encontrados são representativos dos interesses da pesquisa em Comunicação. Cabe ainda uma nota sobre a escolha do termo ‘feminismo’ (Carneiro, 2015), que orientou a busca nos anais dos eventos. Seu uso não é aleatório, por se tratar de um conceito que traduz uma perspectiva de ação política, entendo que as/os autoras/res ao optarem por seu uso, estão também considerando nos seus trabalhos esta mesma perspectiva³, (P2) este procedimento prevê uma leitura atenta dos resumos dos artigos, dissertações e teses, para identificar nos mesmos o objetivo da pesquisa; (P3) após a leitura dos resumos, seus objetivos serão sintetizados em ideias centrais, e estas agrupá-las segundo regularidades ou contrastes.

Rosário (2008) em seus estudos sobre cartografia - como método ou procedimento - levanta ainda a questão do espaço como um aspecto constituinte desta prática. Este espaço é o do mapa como materialização do trabalho do cartógrafo (p. 209). Nesta pesquisa o espaço opera na sistematização e exposição dos resultados. É a descrição e análise dos dados encontrados que resultarão num mapa, que se expõe neste artigo. É a forma de exposição deste mapa, que também reflete uma escolha política, seguindo a recomendação de Bartra (2012) está escrito em primeira pessoa, deixando de lado o gramaticalmente correto ‘plural masculino universal’, confirmando assim o critério desta cartografia.

Lista de convidad@s

“Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (Beauvoir, 1980, p. 9). Esta afirmação da filósofa francesa Simone de Beauvoir marca o pensamento de teóricas feministas, ao mostrar os aspectos relacionais e sociais que atravessam vida das mulheres. As reflexões, e apropriações, que se seguiram às proposições da teórica francesa vão indagar sobre qual mulher se está falando e a partir daí, instala-se no feminismo a crítica e as indagações sobre quem é esta mulher, sujeita ou sujeito, dos movimentos de libertação. Destas indagações se produzem conceitos, abordagens de classe e étnico-raciais para ampliar as possibilidades de análise e buscar dar conta da complexidade conforma a realidade das mulheres nos diversos contextos e esferas da vida (Veiga e Pedro, 2015).

Partindo deste contexto teórico, elaboro neste item um diálogo entre as reflexões das Epistemologias Feminista e da Comunicação, buscando especialmente vislumbrar pontos de encontros entre elas. Estes pontos serão sintetizados em uma palavra, que funcionará como categoria de análise a produção de conhecimento da Comunicação, quando suas pesquisas envolvem, dialogam, articulam ou são atravessadas pela abordagem feminista ou sobre as mulheres.

Epistemologia feminista

A crítica feminista ao modo de fazer ciência – e conseqüentemente produzir conhecimento - vem sendo elaborada por estudiosas de forma sistemática desde os anos 70, conforme aponta Norma Blazquez Graf (2012), e é mais uma expressão do compromisso central do feminismo, de promover mudanças sociais na situação das mulheres em particular, e progressivamente no conjunto da sociedade. Mas, nas palavras da autora, “como outras formas de relação humana, a geração de conhecimento acontece em ambientes de poder social e interpessoal, na sociedade e em um mundo organizado onde o poder se distribui de maneira desigual” (tradução livre), por isso faz sentido observar os espaços de produção de conhecimento, indagando pelas relações que os

³ A palavra gênero não foi utilizada na busca porque na Comunicação ela remete também aos gêneros jornalísticos, e/ou discursivos, o que dificultaria o recorte específico da pesquisa onde ‘gênero’ se refere aos Estudos e à categoria de análise, conforme proposta por Joan Scott (1995).

movem e atravessam. Assim, os esforços dos estudos feministas da ciência são no sentido de primeiro, refletir sobre aspectos da história da incorporação e participação das mulheres e segundo, de compreender os efeitos que sua ausência e presença, tiveram no desenvolvimento da ciência e da tecnologia.

Norma B. Graf (2012) salienta que movimentos teóricos não são uniformes ou homogêneos entre as pesquisadoras feministas, mas há pelo menos dois pontos de consenso. Elas concordam que o gênero, junto com raça, etnia, classe, geração e orientação sexual, é um organizador da vida social. Mas entendem também que não é suficiente entender como está organizada e como funciona a vida social, é necessário agir para fazer este mundo social equivalente (Graf, 2012). A autora, em seu artigo *Epistemologia Feminista: Tema Centrais*, apresenta as três principais teorias que norteiam a epistemologia feminista. São elas: a Teoria do ponto de vista feminista, o Pós-modernismo feminista e o Empirismo feminista.

Neste texto é a Teoria do ponto de vista feminista que será acionada para instaurar questionamentos e reflexões. Nesta abordagem se compreende que o mundo é representado desde uma perspectiva particular, situada socialmente, que tem por base uma posição epistêmica privilegiada. As estudiosas desta teoria questionam os principais critérios do método científico e sustentam que a vida e a condição das mulheres proporcionam a elas uma ótica diferente para reconhecer a realidade social, e que neste lugar de conhecer acolhe a perspectiva da intuição e do afeto.

Por isso, argumentam as teóricas, não há um lugar de onde se possa desenvolver conhecimento livre de valores e preconceitos, mas alguns lugares são melhores do que outros (Graf, 2012). Estes 'lugares melhores' são aqueles onde a pessoa que pesquisa explicita sua condição de ser social atravessada por experiências específicas, que impactam no seu modo de ler o mundo. A Teoria do ponto de vista feminista reconhece, portanto, que a produção de conhecimento é marcada pelo caráter das relações de gênero e dos fenômenos sociais e psicológicos, e considera que política e epistemologia estão vinculadas. "A alternativa é defender o caráter situado do conhecimento, sem outorgar privilégio epistêmico a nenhuma um tipo particular de situação" (tradução minha) e reconhecer ainda multiplicidade de pontos de vista situados.

Epistemologia da Comunicação

Se a crítica feminista se dirige ao modo de fazer ciência de forma geral, a Comunicação como uma dessas ciências também tem buscado elaborar uma autorreflexão sistemática sobre o 'conhecimento do conhecimento científico', seus fundamentos, princípios e valores. Estas reflexões que se iniciaram, no Brasil e América Latina, nos anos 90 conforme Maria Immacolatta de Vassalo Lopes e Richard Romancini (2014) começaram em torno da história da comunicação. Refletindo "acerca da pertinência social e histórica dos problemas científicos e da função social do conhecimento" (Lopes e Romancini, 2014, p. 128), os estudos chegaram ao questionamento sobre o caráter disciplinar da Comunicação.

Os autores são contundentes ao afirmar que estas reflexões são parte ativa do fazer investigativo, pois "se impõe ao pesquisador como uma reflexão a propósito da adequação de conceitos, teorias e métodos para investigar certa problemática" (Lopes e Romancini, 2014, p. 128). Desta forma, se pode afirmar que a dimensão epistemológica de toda pesquisa não é algo externo a ela, não é algo abstrato, "mas traduz-se concretamente por operações de vigilância sobre o conhecimento que está sendo produzido" (Lopes e Romancini, 2014, p. 128).

Pelas reflexões identificadas por Lopes e Romancini (2014) na Comunicação – e que permeiam todas as Ciências Sociais – pude identificar um momento de alinhamento com a crítica feminista da produção do conhecimento. Ao defender o 'caráter situado do conhecimento', por exemplo, o pensamento feminista se articula

às atuais práticas reflexivas sobre ciência enfatizam especificamente a relação entre sujeito (investigador) e o objeto (investigado) na pesquisa, ao passo que as abordagens epistemológicas tradicionais restringiam seu foco na relação epistêmica entre objeto e conhecimento (Lopes e Romancini, 2014, p. 129).

Assim, compreendo que o movimento que permite que o conhecimento seja percebido em seus aspectos 'situados' (ou historicizados), é a constituição de uma pesquisadora/pesquisador também como sujeito situado: nesta condição, a pessoa que investiga, anuncia qual é o seu lugar social, e isso se constitui um ponto de encontro entre as reflexões epistemológicas destas duas áreas do conhecimento. Quando

a pesquisadora, ou pesquisador, se coloca no trabalho, isso me ajuda a ler na produção da comunicação as marcas do lugar e das experiências delas e deles e das/dos sujeitos sociais sobre os quais seus esforços se debruçaram.

Prosseguindo com as reflexões, Lopes e Romancini sintetizam o pensamento sobre a epistemologia da comunicação, em três eixos: (i) a disciplinarização, ciências sociais e comunicação; (ii) sociedade global, sociedade da comunicação e (iii) complexidade e transdisciplinaridade.

Neste primeiro eixo, a disciplinarização, ciências sociais e comunicação, o ponto de partida é a busca pela compreensão da função das disciplinas na produção do conhecimento. Lopes e Romancini (2014) apontam a crítica à divisão das disciplinas nas Ciências Sociais por que a mesma se articula intelectualmente à ideologia liberal, que analisa os vários setores da sociedade – a economia, o mercado, a política, o estado como sendo esferas separadas e funcionando sob regras particulares e independentes. Esta crítica também é feita pelas teóricas feministas, que acrescentam ainda outro aspecto fundamental: na análise destas esferas ou estruturas, as práticas investigativas das Ciências Sociais invisibilizam as mulheres. Elas o fazem tanto desconsiderando a especificidade das experienciais femininas nas esferas citadas e suas instituições – que são diferentes das dos homens - como ignorando a produção de conhecimento feita pelas mulheres sobre a economia, o mercado, a política e o Estado.

Neste ponto das reflexões, a palavra visibilidade pode sintetizar mais um ponto de convergência entre o pensamento feminista e o comunicacional, sendo útil para pensar a potencialidade das pesquisas em comunicação de dar a ver a presença das mulheres.

Os esforços epistêmicos de superar as limitações que a divisão disciplinar carrega consigo se concretizam no surgimento de áreas interdisciplinares, onde se encontram, por exemplo, os estudos em Comunicação, Administração e as Ciências do Comportamento. Lopes e Romancini apontam para o reconhecimento de que os trabalhos produzidos nesse novo lugar não rompem completamente com as disciplinas e alerta que “falta o toque político para afetar as estruturas institucionais existentes” (Lopes e Romancini, 2014, p. 132).

Esta necessária articulação entre a epistemologia e a “política” está na base da produção feminista, como um pressuposto para a transformação social, do e pelo conhecimento,

e representa aqui mais um ponto de encontro das duas epistemologias em tela. Sem esta articulação as reflexões, discussões e práticas produzidas no universo do conhecimento podem continuar a reproduzir desigualdades e opressões. Este é um movimento que vem se consolidando porque a “legitimidade acadêmica e social vai cada vez mais depender da profundidade, da extensão, pertinência e solidez das explicações que produz” (Lopes e Romancini, 2014, p. 133).

O segundo eixo identificado por Maria Immacolata de Vassalo Lopes e Richard Romancini (2014) é sociedade global, sociedade da comunicação. Neste eixo os autores apontam a relação orgânica entre as ciências sociais e a comunicação, expressa, por exemplo, nos estudos sobre opinião pública e na emergência da esfera pública ligada aos mecanismos da informação e da comunicação. “A intensificação dos fenômenos comunicativos, a acentuação da circulação das informações, não somente como um aspecto a mais da modernização, senão como o próprio centro e sentido mesmo deste processo” (Lopes e Romancini, 2014, p. 133).

Desta forma, o mundo ‘comunicado’ que tanto os meios de comunicação - em suas diversas plataformas - como a produção das Ciências Humanas nos oferecem participam da conformação da objetividade mesma deste mundo e não somente uma interpretação de uma ‘dada realidade’ (Lopes e Romancini, 2014). Neste sentido a palavra representações vai ser utilizada para pensar como as pesquisas enxergam a realidade do mundo que se constrói na articulação de múltiplas narrativas. Neste cenário importa indagar como são construídas essas narrativas sobre as mulheres, se são feitas com elas e considerando suas experiências. Nos modos como estas narrativas são ofertadas, pode residir uma potencialidade de rever ideias pré-concebidas e participar de uma construção múltipla e mais complexa da realidade, pois “nas transformações que emergem da experiência comunicacional há um fermento de mudança no próprio saber” (Lopes e Romancini, 2014, p. 134).

No terceiro e último eixo, a complexidade e transdisciplinaridade, os autores recomendam que neste momento de questionamentos dos paradigmas das Ciências Sociais a Comunicação precisa reconhecer sua herança positivista, funcionalista e dedutivista, para criticamente, desmontar e superar seus aparatos no seu fazer científico e poder assim seguir rumo à lógi-

cas mais complexas e multidimensionais que são mais acordes com seus objetos.

Neste eixo também identifico uma relação entre a crítica feminista e a reflexão da Comunicação. Aspectos como a neutralidade, a essencialidade das identidades, o distanciamento das pessoas que conhecem dos objetos de seu interesse, não dão conta da multiplicidade da vida e da complexidade das relações, que se estabelece em sociedade e que desafiam o fazer de toda a Ciência.

Lopes e Romancini (2014) identificam alguns dos possíveis olhares para a superação desta herança dos valores da ciência moderna. Para os autores, estes olhares estão elaborados, por exemplo, nas abordagens teóricas da complexidade de Morin - que aposta na não produção ou determinação da inteligibilidade dos sujeitos - no sistema-mundo de Wallerstein, na globalização de Ianni e na construção de articulações/intertextualidade de Martín-Barbero. Lopes e Romancini (2014) defendem que só estes novos modos de ver e saber, podem dar conta do caráter multidimensional da realidade, que pede novas sínteses e convergências disciplinares. O diálogo com a crítica feminista da ciência me leva a pensar que estes novos modos de ver e saber devem incluir a visão, a experiência e o modo de conhecer das mulheres.

Deste diálogo entre as Epistemologias Feministas e da Comunicação, emergiram categorias - destacadas ao longo da discussão - às quais chamei de pontos de encontro, e que agrupam as ideias centrais dos objetivos dos trabalhos selecionados. São eles: sujeito situado/experiência; visibilidade, política e representações.

Sobre o que foi falado

A partir dos três procedimentos descritos no percurso metodológico, este item do texto apresenta os resultados da investigação. O primeiro procedimento (P1), a busca por palavras-chave, resultou em 75 trabalhos⁴ encontrados - conforme a tabela a seguir - cujos resumos serão analisados.

Estes 75 trabalhos envolveram na sua elaboração 98 pessoas na condição de autoras e autores, sendo 84 mulheres e 14 homens.

O segundo procedimento (P2) consistiu na leitura atenta dos resumos dos 75 artigos, dissertações e teses para extrair dos mesmos o objetivo de cada trabalho. Uma vez identificado este objetivo, o mesmo foi recortado do corpo do texto e reunido numa tabela organizada por evento.

Para o último procedimento (P3) - sintetizar estes objetivos em ideias centrais e para agrupá-las segundo regularidades ou contrastes - realizei uma leitura de todos os objetivos

Tabela 1. Número de trabalhos da comunicação, por evento, que dialogam com a abordagem feminista ou de gênero entre 2005 e 2014.

Table 1. Number of communication's papers per event, that dialogue with feminist or gender approach between 2005 and 2014.

Evento	Número de resumos
Abracorp – Associação Brasileira de Pesquisadores de Comunicação Organizacional e Relações Públicas	5
Banco de Teses e Dissertações/Capes	23
COMPÓS – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação	15
INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação	20
SBPJor – Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo	12
Total	75

⁴ Em função dos limites do artigo resulta inadequado a listagem completa dos títulos e autoras/es dos 75 e cinco trabalhos selecionados, por isso, optei por apresentar um exemplo em cada categoria para ilustrar o conjunto do material encontrado ao longo da pesquisa.

e organizei as ideias que identifiquei como centrais em agrupamentos. Como meu objetivo é fazer um mapeamento geral da área da Comunicação, esta etapa não separa os resultados por evento científico.

Assim, os objetivos extraídos da leitura dos resumos foram organizados em ideias centrais, e em seguida estas ideias foram agrupadas num quadro, dispostas junto ao ponto de encontro que lhe foi atribuído. Os pontos de encontro são: sujeito situado/experiência, política e representações e foram elaborados a partir do marco teórico (itens 2.2 e 2.3 do texto).

O quarto ponto de encontro, a visibilidade, é um aspecto que atravessa toda a leitura dos resultados, não sendo acionado como uma categoria separada.

Escutando a conversa

Apresentados os dados resultantes dos três procedimentos previstos no percurso metodológico, posso delinear um dos mapas possíveis sobre a produção científica em comunicação de 2005 até 2014. É um mapa particular sobre a maneira como os estudos em Comunicação se articularam a aspectos feministas ou tematizaram sobre as mulheres. Ainda que nesses 10 anos nenhum evento tenha privilegiado nas suas temáticas gerais questões relacionadas ao feminismo, ou aos estudos de gênero - o que poderia promover esta reflexão - algumas pesquisadoras e pesquisadores área da Comunicação fizeram este movimento. Seus temas específicos de pesquisa dialogaram às vezes com uma abordagem feminista, refletindo sobre o impacto social e político das lutas das mulheres e outras, limitaram-se a apresentar contextos mais descritivos “sobre as mulheres” em atividades/práticas ou meio de comunicação.

O sujeito situado/experiência

Eli Bartra (2012) afirma que em toda pesquisa, é fundamental reconhecer que, se a pessoa que faz a pesquisa é mulher ou homem (feministas ou não), isso gera interações diferentes com os sujeitos da pesquisa e consequentemente impacta no conhecimento produzido. Dentro deste pensamento, a pesquisa revela um dado importante: são 98 pessoas envolvidas nos 75 trabalhos que compõem o corpus. As mulheres são uma maioria expressiva neste universo: 84, enquanto são 14 os homens. Este dado diz que são as mulheres que estão tomando as iniciativas de levantar, den-

tro da Comunicação as questões feministas e de gênero, que são elas que estão apontando a necessidade desta discussão na área.

Esta inquietação tem afetado menos os homens, o que pode ser compreendido pela realidade que estes experimentam dentro do contexto social que reproduz privilégios masculinos, mas que marca de experiências de preconceito a vida das mulheres. *Mulheres em posição de destaque: por que isso ainda surpreende?*, é um trabalho que ilustra esta experiência situada no feminino (sujeitos do jornalismo). Andréa Ariani (2011) investiga o preconceito contra jornalistas, repórteres e apresentadoras no esporte brasileiro e mundial. Seu trabalho enfatiza a luta das mulheres para a obtenção de reconhecimento na atuação desta área da profissão e no combate aos apelos estéticos ou sexuais como fórmula para o sucesso.

Este ‘sujeito situado’ vai aparecer ainda nas pesquisas organizadas nos grupos Além das nossas fronteiras, Corpo e Memória. Ao voltar suas inquietações para os meios de comunicação no contexto cultural de outros países as pesquisas dizem de uma multiplicidade de olhares e de formas das práticas comunicacionais empreendidas pelos profissionais e que se articulam à multiplicidade da realidade das mulheres ali representadas. Os trabalhos sobre o corpo, que é um tema caro aos estudos feministas também situam um olhar sobre as mulheres e reconhecem que a comunicação, e seus produtos, acionam esta categoria para produzir efeitos de consumo.

As pesquisas agrupadas sob a ideia da memória revelam um interesse da Comunicação em olhar para sua própria trajetória, elaborando assim um dos aspectos de sua autorreflexão (Lopes e Romancini, 2014). Do ponto de vista da visibilidade das mulheres na área, estes estudos se revertem de importância, pois permitem que se compreenda a trajetória e a inscrição das representações femininas na mídia, e servem ainda como mais um repositório da história, das atrizes e atores sociais do feminismo.

Norma B. Graf (2012) afirma que toda investigação se organiza e conduz pelas relações: entre quem pesquisa e o que pesquisa; entre quem pesquisa e a sociedade e o trabalho, assim, pensar neste sujeito situado, me permite encontrar as faces de quem pesquisa, inscrevendo seus corpos e saberes instâncias mediadoras entre o conhecimento produzido e a sociedade.

Quadro 1. Objetivos dos artigos, dissertações e teses, agrupados por ideias centrais, distribuídos em três pontos de encontro.

Chart 1. Objectives of articles, dissertations and theses, grouped by central ideas, divided into three meeting points.

SUJEITO SITUADO/EXPERIÊNCIA – 12 trabalhos				
Além das nossas fronteiras	Corpo	Memória	Sujeitos do jornalismo	
<ul style="list-style-type: none"> - a comunicação em veículos ou suportes fora do Brasil - a cultura intelectual <i>chicana</i> e a virgem de Guadalupe (México) - questões relacionadas à violência, e da representação da mulher brasileira em TV e revista, comunicação e intervenção social, em Portugal - representações da violência de gênero em jornais de Cabo Verde 	<ul style="list-style-type: none"> - a nudez - uso discursivo do corpo 	<ul style="list-style-type: none"> - de práticas e de profissionais - de temas: beleza, moda, cinema e arte - das lutas e resistências feministas - da presença das mulheres no rádio - do movimento feminista 	<ul style="list-style-type: none"> - o preconceito contra repórteres e apresentadores do tema esporte 	
POLÍTICA – 24 trabalhos				
Crítica da mídia	Intervenção social	Movimentos sociais	TICs	Universo da política
<ul style="list-style-type: none"> - a presença das mulheres nos observatórios da mídia - a produção de informações por ONGS feministas, disponibilizadas em sites na internet 	<ul style="list-style-type: none"> - o ensino, pesquisa e extensão universitária - a elaboração de planos de comunicação junto à grupos de mulheres 	<ul style="list-style-type: none"> - movimentos de mulheres camponesas - mulheres negras - ciberativismo 	<ul style="list-style-type: none"> - ciberespaço, tecnologias da informação e comunicação e transformação social - os impactos da web 2.0. 	<ul style="list-style-type: none"> - a representação da mulher - as eleições e a cobertura jornalística - a atuação política de mulheres - as propagandas eleitorais
REPRESENTAÇÕES – 39 trabalhos				
Discursos	Imprensa feminina	Outras nas margens	Televisão	
<ul style="list-style-type: none"> - os discursos organizacionais, jornalísticos (crônicas escritas por mulheres, sobre violência, representação da mulher) - de coberturas sobre Políticas Públicas para mulheres - identitários aos mangás (desenhos de inspiração japonesa) e imigrações 	<ul style="list-style-type: none"> - revistas: <i>Claudia</i>, <i>Nova e Marie Claire</i> e <i>Capricho</i>* - sucesso profissional - representação em revistas - representação social - possibilidades de empoderamento - representação em revistas e jornais populares - rádio 	<ul style="list-style-type: none"> - mulheres cartunistas - pornografia feminista e revistas masculinas - carreiras afetivas e sexuais de mulheres intelectualizadas - campanhas publicitárias - revistas católicas 	<ul style="list-style-type: none"> - telenovelas - o papel das mulheres - os telejornais - as narrativas televisivas. 	

* Nota: para ver o perfil de algumas das revistas: <https://www.assineglobo.com.br/>.

Política

Quero iniciar a reflexão em torno do ponto de encontro promovido pelo Universo da política, citando o trabalho *Mídia, política e gênero: as mulheres políticas no noticiário*, de Carolina Silva de Assis e Raquel Paiva de Araújo Soares (2011). Ele representa o que pesquisadoras e pesquisadores da Comunicação têm investigado neste tema. As autoras se propuseram a entender como as mulheres que atuam na política são representadas no noticiário, refletindo sobre os enquadramentos que reproduzem estereótipos de gênero podem condicionar e constranger a atuação política feminina. Elas identificam a cobertura jornalística da política e o ambiente midiático, como elementos construtores do imaginário político da esfera civil.

Considerando a atuação política de mulheres, homens e instituições como fator de potência ou cerceamento de transformação social, os trabalhos agrupados em Intervenção social e Movimentos sociais dão conta de dois aspectos das inquietações de quem faz pesquisa em Comunicação. O primeiro aspecto é o de que aos poucos a abordagem do feminismo e do gênero começa a atravessar os espaços de formação de comunicadoras e comunicadores. Algumas pesquisas se debruçam sobre iniciativas de ensino, pesquisa e extensão envolvendo as questões das mulheres, contribuindo assim para visibilidade de suas realidades particulares. Este fato revela que os cursos de graduação e pós-graduação, seus corpos técnicos e docentes se movimentam no sentido de acolher as abordagens feministas e de gênero nos espaços de formação. Outro aspecto é o olhar das pesquisas sobre o lugar da comunicação nos movimentos sociais de mulheres. Os trabalhos tem mostrado uma aposta dos movimentos sociais nas tecnologias digitais da informação e da comunicação (TICs). Seus usos dão conta de um propósito político de romper a barreira da mídia hegemônica e dar voz às mulheres.

Outro aspecto que se relaciona a esta dimensão política pode ser encontrado na crítica da mídia, quando as pesquisas indagam sobre a participação das mulheres nos 'observatórios da mídia'. É fundamental que estes espaços, que são de reflexão, crítica e construção do campo midiático acolham o olhar, as questões, as sensibilidades e experiências das mulheres para garantir assim um olhar amplo e crítico (Lopes e Romancini, 2014) sobre a qualidade dos produtos midiáticos.

Representações

Nas representações está agrupado o maior número de pesquisas na Comunicação de 2005 até 2014. Estas têm se preocupado em refletir sobre como as mulheres aparecem na Imprensa feminina, que reúne publicações dirigidas às mulheres, e que abordam os temas que estão naturalizados como da esfera de seus interesses. As inquietações de pesquisadoras e pesquisadores têm se voltado para um conjunto de revistas específico, dirigido a um grupo específico de mulheres: de classe média, escolarizadas e brancas. O trabalho *MOSAICO EM PRETO E BRANCO: Representações da mulher negra no jornalismo feminino brasileiro*, de Erly Guedes Barbosa, elucida bem a abordagem de dois temas importantes na pesquisa em Comunicação: a representação da mulher e as revistas femininas. Estas revistas são um dos veículos de comunicação que mais têm recebido atenção de pesquisadoras e pesquisadores da área.

A autora faz uma análise de discurso das revistas *Claudia* e *Marie Claire*, entre os meses de outubro de 2007 e março de 2008 e conclui que o discurso da imprensa se constitui num espaço tanto de construção como de reprodução das desigualdades raciais e de gênero no Brasil (Barbosa, 2010). Em alguns casos as pesquisas abordam veículos de comunicação da imprensa popular, também dirigidos ao público feminino. Nestes casos o tema mais recorrente é a violência, criando assim uma narrativa que associa estes dois universos.

Os "discursos" que as diversas narrativas comunicacionais produzem sobre as mulheres nos diversos espaços também têm sido problematizados, mostrando inquietações quanto às construções sociais e articulações produzidas pelas práticas comunicacionais. No grupo *Outras margens*, onde relaciono algumas iniciativas que parecem isoladas dentro do conjunto das pesquisas em Comunicação, podem ser indicativo de olhares multidisciplinares sobre as representações das mulheres que encontram na Comunicação aportes teóricos e espaço de diálogo e reflexão.

As pesquisas agrupadas em *Televisão* são atravessadas pelas questões discursivas e de representação, mas tem destaque em um grupo separado porque são expressivas numérica e qualitativamente dentro da área da Comunicação. Elas dão notícias do destaque do próprio veículo na sociedade brasileira. Aqui as pesquisas sobre representação feminina em telenovelas têm buscado acompa-

nhar como as mudanças sociais estão sendo representadas neste produto midiático, cujo principal público é feminino. Personagens femininos das tramas ditam moda, comportamentos e bordões participando ativamente da construção de uma narrativa sobre lugares, comportamentos, projeções e hierarquias que atravessam a vida das mulheres.

Pensando em novos encontros

Os esforços deste estudo foram empreendidos no sentido de compreender quais as preocupações centrais da pesquisa em Comunicação, quando seus temas são articulados com aspectos do feminismo ou sobre as mulheres. Por meio de movimentos de aproximação e descrição, mais do que analíticos, busquei pela presença das mulheres neste campo de produção do conhecimento entre os anos de 2005 e 2014.

Com o compromisso de dar visibilidade à presença feminina, enquanto sujeito da produção do conhecimento e enquanto objeto empírico, construído e problematizado de investigação, foi possível encontrar alguns pontos de encontro entre os Estudos Feministas a Comunicação. Estes encontros abarcam temas e reflexões epistemológicas e se revelam cheios de potencialidades para a compreensão destes campos do conhecimento.

Estas potencialidades se concretizam na compreensão de que os objetos da comunicação não são estáveis, não são fixos e seus contornos estão em constante transformação e é possível estabilizá-los em momentos específicos a partir das experiências situadas de seus sujeitos, acionando assim seu poder de revelar aspectos da realidade.

Desde o ponto de vista feminista a realidade social exige movimentos de interrogação, de desnaturalização para trazer à tona suas contradições e desigualdades. Ao revelar reproduções de injustiças e de violências de gênero nas suas práticas, nos seus veículos e nos seus produtos as pesquisas em Comunicação abrem espaços para atuação política suas atrizes e atores sociais, bem como oferecem argumentos aos demais movimentos sociais que lutam por relações mais equivalentes entre mulheres e homens.

Os códigos de sentimentos e comportamento que atuam sobre as relações entre as pessoas em sociedades se elaboram na articulação de muitas narrativas sobre o que significa 'ser gente' no feminino ou no masculino. As

representações midiáticas sobre estas posições de gênero constituem um importante espaço de naturalização dos modos de ser. Mas como estes modos de ser, enquanto vidas vividas de sujeitos sociais não são estáveis, as representações também carregam movimentos de suspeita e outras apropriações.

Busquei olhar para as pesquisas em Comunicação de mãos dadas com a abordagem teórica feminista para ampliar e acrescentar conhecimentos novos sobre seus movimentos investigativos. Movimentos que já estão lá, em potência, mas que podem ser aprofundados para produzir um conhecimento mais crítico, que se mantenha vigilante para as relações de poder entre os gêneros, mas que também deixe ver os encontros e as intervenções de solidariedade e esperança.

Referências

- ARIANI, A. 2011. Mulheres em posição de destaque: por que isso ainda surpreende? *In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, XXXIV, Recife, 2011. Anais... Recife, INTERCOM, 13 p.*
- ASSIS, C.S.; SOARES, R.P. de A. 2011. Mídia, política e gênero: as mulheres políticas no noticiário. *In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 9º, Rio de Janeiro, 2011. Anais... Rio de Janeiro, SBPJor, 16 p.*
- BARBOSA, E.G. 2010. MOSAICO EM PRETO E BRANCO: representações da mulher negra no jornalismo feminino brasileiro. *In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 8º, São Luiz, 2010. Anais... São Luiz, SBPJor, 17 p.*
- BARTRA, E. 2012. Acerca de la investigación y la metodología feminista. *In: N.B. GRAF.; F.F. PALACIOS; M.R. EVERARDO (coord.), Investigación feminista: epistemología, metodología y representaciones sociales. México, UNAM, p. 67-78.*
- BEAUVOIR, S. de. 1980. *O segundo sexo. A experiência vivida.* Rio de Janeiro, Nova Fronteira, vol. 2, 309 p.
- CARNEIRO, M.E.R. 2015. Feminismo-Feminismos. *In: A.M. COOLING; L.A. TODESCHI (orgs.), Dicionário Crítico de Gênero. Dourados, Ed. UFGD, 678 p.*
- ESCOSTEGUY, A.C.D. (org.). 2008. *Comunicação e gênero: a aventura da pesquisa.* Porto Alegre, EDIPUCRS, 174 p.
- FIORENAZA, E.S. 2009. *Caminhos da Sabedoria: uma introdução à interpretação bíblica feminista.* São Bernardo do Campo, Nhanduti Editora, 256 p. Disponível em: http://nhanduti.com/Sumarios/Fiorenza.text.for_website.pdf. Acesso em: 12/04/2015.
- GOHN, M. da G. 2014. *Novas teorias dos movimentos sociais.* 5ª ed., São Paulo, Loyola, 166 p.

- GRAF, N.B. 2012. Epistemologia Feminista: Temas Centrales. In: N.B. GRAF; F.F. PALACIOS; M.R. EVERARDO (coord.), *Investigación feminista: epistemología, metodología y representaciones sociales*. México, UNAM, p. 21-38.
- LOPES, M.I.V. de; ROMANCINI, R. 2014. Epistemologia da Comunicação. In: A. CITELLI; C. BERGER; M.A. BACEGA; M.I.V DE LOPES; V.V. FRANÇA (orgs.), *Dicionário de Comunicação. Escolas, teorias e autores*. São Paulo, Contexto, 577 p.
- PINTO, C.R. 2003. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 119 p. (Coleção História do Povo Brasileiro).
- ROLNIK, S. 1989. *Cartografias sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo, Estação Liberdade, 304 p.
- ROSÁRIO, N.M. do. 2008. Mitos e cartografias: novos olhares metodológicos na comunicação. In: A.E. MALDONADO; J.A. BONIN; N.M. do ROSÁRIO (orgs.), *Perspectivas Metodológicas em comunicação: desafios na prática investigativa*. João Pessoa, Editora Universitária da UFPB, 324 p.
- SCOTT, J.W. 1995. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, jul./dez., **20(2)**:71-99.
- TOURAINÉ, A. 2007. *O mundo das mulheres*. Rio de Janeiro, Vozes, 207 p.
- VEIGA, A.M.; PEDRO, J.M. 2015. Gênero. In: A.M. COOLING; L.A. TODESCHI (orgs.), *Dicionário Crítico de Gênero*. Dourados, Ed. UFGD, 678 p.

Submetido: 15/10/2016

Aceito: 15/05/2017